

POESIA E CIRCUNSTÂNCIA EM MANUEL DE FREITAS E CARLITO AZEVEDO

Tamy de Macedo Pimenta

Orientadora: Ida Maria Santos Ferreira Alves

Doutoranda

RESUMO: Ao refletir acerca do cenário atual da poesia em língua portuguesa, Manuel de Freitas e Carlito Azevedo são alguns dos nomes que podem ser trazidos para fomentar a discussão por meio de seus livros de poesia. Tendo sido publicados a partir dos anos 90 do século passado (no caso de Carlito Azevedo) ou no início do XXI, as estreias poéticas dos dois – um em terras portuguesas e o outro aqui entre nós, no Brasil – trouxeram diferentes reações, já que, enquanto grande parte da crítica portuguesa recebeu a poesia freitiana de forma negativa, no Brasil, *Collapsus Linguae* ganhou o prêmio Jabuti. Contudo, embora escrevam em contextos diversos, as poéticas de Manuel de Freitas e Carlito Azevedo podem oferecer ricas contribuições sobre a poesia contemporânea quando contrapostas uma com a outra. É a partir da tentativa de aproximação dessas duas obras que intentaremos guiar nossa pesquisa de Doutorado, buscando pensar as semelhanças e divergências entre as questões e os procedimentos encontrados na escrita dos dois. Nesse sentido, a relação da poesia com a ideia de circunstância parece ser um dos aspectos a serem investigados nas obras de Manuel de Freitas e Carlito Azevedo – tendo, este último, inclusive nomeado um de seus livros *Versos de Circunstância*.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia contemporânea; Manuel de Freitas; Carlito Azevedo; circunstância.

No cenário atual da poesia, as vozes poéticas de Manuel de Freitas, em Portugal, e de Carlito Azevedo, no Brasil, são exemplos que podem ser trazidos para se construir uma reflexão acerca de alguns caminhos que a poesia de língua portuguesa tem percorrido na contemporaneidade, principalmente se considerarmos a participação dos dois poetas não só no âmbito da escrita poética, mas também no da crítica e edição de poesia, inclusive por meio da participação em revistas como a *Telhados de Vidro e Cão Celeste*, no caso de Freitas, e *Inimigo Rumor*, no de Carlito.

Nesse sentido, ao compararmos essas duas obras, intentamos observar algumas questões que, ainda que trabalhadas de formas diferentes, sejam trazidas nos temas e nos procedimentos adotados nas duas poéticas. A primeira dessas questões, referente a um modo de estabelecer o vínculo entre poesia e mundo por meio de uma atenção a pormenores cotidianos e íntimos, por vezes relacionados a espaços e pessoas nomeadas no poema, pode ser compreendida através da ideia de *circunstância*.

Desde suas definições no dicionário, segundo as quais *circunstância* seria “1. Particularidade que acompanha determinado fato ou acontecimento; 2. Qualidade anexa ou determinante; 3. Estado das coisas num determinado momento” (“circunstância”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa), a ideia de circunstância está ligada a uma situação que acompanha um fato específico, sendo determinada por este, estritamente relacionada ao momento e a todas as particularidades que derivam desse acontecimento. Nesse sentido, um poema de circunstância *stricto sensu* deveria estar intrincado a alguma situação particular, observada pelo escritor e posteriormente colocada por este em palavras e, desse modo, uma vez perdido o referente dessa circunstância, se perderia todo o entendimento do poema. De fato, como comenta a professora Luciana di Leone, tradicionalmente costumou-se chamar de “versos de circunstância”:

[...] a pequenos poemas que se alicerçam não em um tema ou assunto a ser elaborado, mas na sua relação com a sua situação de enunciação, apresentando certa impossibilidade de se sustentar enquanto literatura “autônoma” de seu contexto originário. Uma poesia eventual, “indissociable des événements qui le voient naître”, tal como aponta Predrag Matvejevitich no seu *Pour une poétique de l'événement: la poésie de circonstance*. Tradicionalmente, explica Matvejevitich, o termo se refere a uma poesia que se associa de forma inextricável e em total dependência com um acontecimento ou circunstância, seja da vida pública de uma comunidade – atualizando um ritual comunitário, e levando muitas vezes o nome de “poesia civil” –, seja do âmbito privado ou familiar, comemorando pequenos eventos, festas, aniversários, ocasiões nas quais a dependência de algo externo à letra muitas vezes se evidencia pelo fato de esse “poema” ser inseparável de um objeto, como por exemplo, nos célebres “leques” de Mallarmé, ou por serem originalmente escritos na folha de rosto de um livro como dedicatória.
(LEONE, 2014, p. 68)

Desse modo, ainda que carregue essa dupla caracterização que engloba desde uma poesia mais engajada a uma poesia íntima, esse tipo de poesia foi colocada em uma posição marginal perante ao que seria “a” obra poética dos autores, mesmo no caso de Mallarmé. A própria nomeação “versos de circunstância” – e não poesia –, como novamente aponta Luciana di Leone, demonstra essa diferenciação. Aqui no Brasil, Carlos Drummond de Andrade não incorporou seus *Versos de circunstância* a suas antologias e não os publicou em vida, tendo esse conjunto de poemas somente sido publicado recentemente, em 2011. Mas seriam todos esses exemplos de versos de circunstância “indissociáveis dos eventos que os fizeram nascer”, como definiu Matvejevitch? Paul Éluard, em uma conferência pronunciada na França em 1952, posteriormente publicada, comenta que:

Damos razão a Goethe: “Todo poema é de circunstâncias”. E para desmentir os defensores de uma poesia imaterial, repitamos: para que um poema passe do particular ao geral e adquira assim um sentido válido, durável, eterno é preciso que a circunstância concorde com os mais simples desejos do poeta, com seu coração e seu espírito, com sua razão.

Se não, a circunstância se perde no momento, no instante; só a vincula à duração o fato de ter sido, em certo tempo, mais ou menos bem cantada. Pois é preciso distinguir entre as circunstâncias. Existem circunstâncias que ficam para sempre encerradas em si mesmas, na anedota e no episódio. Mas há outras que levam o acontecimento à altura da história e da poesia.

(ÉLUARD, 1985, s/p)

Concordamos com Éluard no que diz respeito à dissociação da poesia de circunstância ao evento por ela aludido, mas acrescentamos que, para que ocorra essa passagem “do particular ao geral”, é necessário um trabalho poético cuidadoso, que saiba “distinguir entre as circunstâncias” e que as traga ao poema de tal modo que não importe ao leitor se o que é relatado tem vínculo imediato com a realidade ou não. E que, sobretudo, faça o leitor suspeitar de uma tranquila e fácil associação entre os versos e fatos “verídicos”. De volta aos apontamentos de Luciana di Leone, percebemos que nos *Versos de circunstância* de Drummond:

não há um vínculo positivo com o referente, não existe um trabalho sobre uma matéria bruta histórica (porém, sim, um trabalho técnico, um exercício de perícia, com a linguagem – que nem por isso pode ser considerado uma matéria bruta ou virgem, trabalhada pacificamente). (LEONE, 2014, p. 70)

É esse mesmo tipo de trabalho técnico com a linguagem que podemos encontrar nos poemas de Carlito Azevedo e Manuel de Freitas quando estes se aproximam da ideia de *circunstância* que temos discutido. Se, por um lado, Carlito chegou a de fato nomear um de seus livros – uma pequena publicação pela editora pirata Moby Dick, em 2001 – *Versos de circunstância* e a partir daí procurou construir um novo caminho para sua obra poética (o que fica mais claro com o gesto de seleção empregado na antologia *Sublunar*, também de 2001, em que sua poesia anterior é revisitada sob um novo viés¹); por outro, Freitas, em Portugal, buscou desde suas primeiras publicações – seja por meio do polêmico prefácio à antologia *Poetas sem qualidades* ou por seus poemas – ressaltar as opções político-estéticas que sua escrita procura seguir (e que a distanciariam, segundo o poeta, de uma outra dicção poética, atacada veementemente em seus textos poéticos e críticos, sobretudo). Os dois, portanto, partindo de contextos literários diversos e através de percursos diferenciados, a nosso ver, aproximaram suas poéticas da ideia de *circunstância* na medida em que cenas banais e íntimas do cotidiano são motivo de grande parte de seus poemas que, porém, transformam essas circunstâncias por meio do exercício de perícia com a linguagem salientado por Leone.

Vejamos, então, um dos poemas de *Versos de circunstância*, com o título homônimo, em língua francesa (um dos três poemas assim nomeados no pequeno livro de Carlito):

VERS DE CIRCONSTANCE

A pessoa que mais amo
é feita desse mirante,
dessa época do ano,
do perto desse distante.

¹ Segundo Luciana di Leone, na antologia *Sublunar* “se evidencia essa vontade de outra leitura, através da insistência em levantar e organizar os próprios poemas contra essa concepção exclusivamente mental.” (LEONE, 2015, p. 113)

E o oceano e as pedras
cabem no vinco de horror
que é sua falta em meu rosto,
Troia no rosto de Heitor.
(AZEVEDO, 2010, p. 94)

Apesar de ter como mote uma circunstância, como já indicado em seu título, o poema não oferece informações precisas sobre a situação que evoca. Enquanto a “pessoa que mais amo” é apenas caracterizada como uma pessoa cuja falta se faz ver no rosto do sujeito poético, tal qual “*Troia no rosto de Heitor*”², o uso dos pronomes dêiticos “desse” e “dessa” na primeira estrofe fazem referência a uma situação de enunciação ao mesmo tempo em que contribuem para o esvaziamento de sua significação, uma vez que o leitor não tem acesso a seus referentes (“desse mirante”, “dessa época do ano”, “desse distante”). Aqui, mais uma vez, é interessante ter em mente os comentários de Luciana di Leone ao analisar os *Versos de circunstância* de Drummond, já que a professora, também ao refletir acerca do uso dos pronomes nos poemas, afirma que, ao invés de os pronomes nos reenviarem de forma direta à circunstância a que remetem, eles nos levam até um fantasma: “Os pronomes, como assombrações, povoam os *Versos de circunstância* expondo a cisão uma e outra vez” (LEONE, 2014, p. 70). Em meio a essas assombrações, talvez seja o fantasma da falta da pessoa “que mais amo”, marcado justamente por sua ausência, o que se sobressai em meio às lacunas deixadas pelo poema. Nesse sentido, pode-se concluir que os versos acima se fazem *com* alguém, ainda que *com* a falta desse alguém.

Também carregando esse aspecto relacional, a poética de Manuel de Freitas, como anteriormente comentado, talvez possa ser lida sob o viés dos versos de circunstância, apesar do poeta não ter feito nenhuma referência direta, como o fez Carlito, a esse tipo de texto. No próprio “Tempo dos puetas”, prefácio assinado por Freitas à antologia *Poetas sem qualidades*, ao afirmar o uso de uma outra retórica pelos poetas ali reunidos, podemos entrever uma ideia de poesia que se faz de pormenores do dia-a-dia e que, a partir destes, constrói sua força, ou sua “admirável fraqueza”:

² Aqui há um jogo intertextual com o poema “Vendo a noite”, de Ferreira Gullar: “Júpiter, Saturno./De dentro de meu corpo/estou vendo/o universo noturno./Velhas explosões de gás/que meu corpo não ouve:/vejo a noite que houve/e não existe mais --/a mesma, veloz, em Troia,/no rosto de Heitor/-- hoje na pele de meu rosto/ no Arpoador.” (GULLAR, disponível em <https://books.google.com.br/books?id=vbNcBAAAQBAJ&pg=PT81&lpg=PT81&dq>).

Não são, por exemplo, ourives de bairro, artesãos tardo-mallarmeanos, culturalizadores do poema digestivo, parafraseadores de luxo, limadores das arestas que a vida deveras tem. Podemos, pelo contrário, encontrar em todos eles um sentido agónico (discretíssimo, por vezes) e sinais evidentes de perplexidade, inquietação ou escárnio perante o tempo e o mundo em que escrevem. Não serão, de facto, poetas muito retóricos (embora à retórica, de todo, se não possa fugir), mas manifestam força – ou admirável fraqueza – onde outros apenas conseguem ter forma ou uma estrutura anémica.
 (FREITAS, 2002, p. 14)

Assim, diante da perplexidade do poeta diante do tempo e do mundo em que escreve, seu olhar procura se concentrar em pequenas cenas triviais, como a de um poema recém-publicado por Manuel de Freitas, em um pequeno livro editado pela 50kg, reproduzido abaixo:

FORA DA VILA

<<Existe um nome para tudo>> – disse-nos um pouco aturdida a empregada do ‘Vilmar’, a propósito de gambas, camarão e lingueirões. Percebia-se que, para ela, os nomes eram bem menos importantes do que as coisas, os sabores, o mundo – que cabe, por vezes, numa viela de Faro. Entre cegonhas, andorinhas e melgas demasiado traiçoeiras.

A tarde de alfarroba e laranja veio acompanhada por um jarro de licor de figo que poderia ter sido inventado por Morandi. Se há, de longe em longe, tardes perfeitas sobre a terra, esta foi uma delas, junto de um mar retalhado.

(FREITAS, 2018, p. 3)

Iniciado *in media res*, com uma voz associada à “empregada do ‘Vilmar’”, o poema, partindo de uma circunstância a qual os leitores não têm acesso, deixa lacunas – ou “fantasmas”, como nomeou Leone – que permanecem impenetráveis e que, ao mesmo tempo, nos enviam para dentro desse quadro em que uma mulher diz algo a um “nós” ao qual o leitor parece ser convidado a se juntar. Nessa direção, o próprio poema se torna uma circunstância, já que esta é criada conforme a leitura se faz, por meio de um movimento que traz o poema para a esfera do comum, do partilhável, longe de uma metafísica que valoriza os nomes em detrimento das coisas em si mesmas: “Percebia-se que, para ela, os nomes eram bem menos importantes do que as coisas, os sabores, o mundo”. Não é por acaso que a situação relatada seja a de uma alimentação compartilhada, em que os frutos do mar e as bebidas sobre a mesa são descritos com

mais precisão do que as personagens que delas se alimentam – são os objetos partilhados, em seus sabores, cores e cheiros, os protagonistas do poema. Assim como é a “pessoa que mais amo”, em sua ausência fantasmática, a protagonista do poema de Carlito supracitado.

Desse modo, percebemos que, se concentrando em paisagens quase sempre formadas por locais e pessoas familiares, as poéticas de Manuel de Freitas e Carlito Azevedo parecem tentar encontrar, em suas relações *com* o que os cerca de forma mais próxima e imediata (muitas vezes nas tabernas do bairro ou no parapeito da janela de casa), um modo de estar (ou sobreviver) no mundo:

E sei agora que ler poemas, mesmo
cercado de amigos, é uma violência necessária.

Não me refiro ao timbre ou à dicção,
talentos que sempre desconheci.
Posso apenas dizer-vos: esta é a minha dor,
a única coisa que me prende ao mundo.
(FREITAS, 2012, p.28)

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Carlito. *Sublunar*. 2ª edição. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/circunst%C3%A2ncia>. Acesso em 28 de agosto de 2018.

ÉLUARD, Paul. “Sobre a poesia de circunstância” (1952). *Princípios. Revista teórica, política e de informação*, n.10, abril 1985. Resumo disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/10/cat/2092/sobre-a-poesia-de-circunst%C3%A2ncias-.html>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

FREITAS, Manuel de. “Tempo de puetas”. *Poetas sem Qualidades*. Lisboa: Averno, 2002.

_____. *Jukebox 3*. Vila Real: Teatro de Vila Real, 2012.

_____. *Sob o olhar de Neptuno*. Porto: Edições 50 kg, 2018.

LEONE, Luciana di. “O mínimo e o monumento. Os *Versos de Circunstância* de Carlos Drummond de Andrade”. In *Ler Drummond Hoje*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014.



Anais do IX Seminário dos Alunos dos
Programas de Pós-Graduação do Instituto
de Letras da UFF
Estudos de Literatura

_____. “O convívio da poesia”. *Outra Travessia*, n. 19. Universidade Federal de Santa
Catarina - 1º Semestre de 2015. p. 105-119.